temporada 2009

90 anos

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Orquestra do Século XVIII

Thomas Zehetmair

Regência e Violino Solista

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

temporada —2002—

Mantenedores e Amigos da Sociedade de Cultura Artística

Mantenedores

Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida
Alexandre Fix
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Botelho Hime
Bruno Licht
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo Brenner
Erico Stickel
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gérard Loeb
Gian Carlo Gasperini
Henrique Brenner
Henrique Fix
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José e Priscila Goldenberg
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Luis de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lucília Diniz
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Nelson Nery Jr.
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Oswaldo Daunt Salles do Amaral
– In Memorian
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Ricardo Augusto Gallo
Roberto e Yara Baumgart
Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbvicher
Sérgio Almeida de Oliveira
Tales P. Carvalho
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp

1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Amélia de Giacomo
Ana Maria L. V. Igel
Anna Maria Tuma Zacharias
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Angelo Franchini Neto
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnold Wald
BVDA / Brasil Verde Design
Carla Milano
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Dario Chebel Labaki Neto
David Casemiro Moreira
Domingos Durant
Dora Halaban
Doris Alexander
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo M. Zobaran
Eduardo Telles Pereira
Elio Sacco
Elisa Wolinec
Ester Zemel
Ezequiel Dutra
Fábio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottemberg
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerry Lingfield
Graziela Lafer Galvão
Gyorgy Böhn
Hannelore Kersten Wolff
– In Memorian
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Leirner
Horácio Mário Kleinman
Isabel Sobral
Jacques Siekierski
Jairo Cupertino
Jenny Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lena Strumpf
Leon Reitzfeld
Leopoldina de Faria Ribeiro
Lia Fukui
Lilia Salomão
Livraria Cultura Editora
Lucila Pires Evangelista
Marcello Franco
Marcelo e Rita Secaff
Maria Angeles Fanta
Maria Carolina Brando
Maria Cláudia Viana
Maria Cristina Viana Kuntz
Mário Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Martha E. de Souza Queiroz
Michelle Luigi Pennavaria
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milu Villela
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Olga Tieppo
Oscar Lafer
Rafael Jordão Mota Vecchiatti
RCS Consultores
Regina Benna Zemel
Regina Sverner
Regina Weinberg
Rita de Cássia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Seiko Sato
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio V. Ramos
Thomas Farkas
Walter Ceneviva
Wilson Carmignani

19 Amigos anônimos

Lista atualizada em 10/6/2002

temporada 2002

90 anos
SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Orquestra do Século XVIII

Thomas Zehetmair

Regência e Violino Solista

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

apoio institucional
Prefeitura do Município de São Paulo
Lei 010923/90

promoção
ELDORADO FM 92,9
OS MELHORES OUVINTES

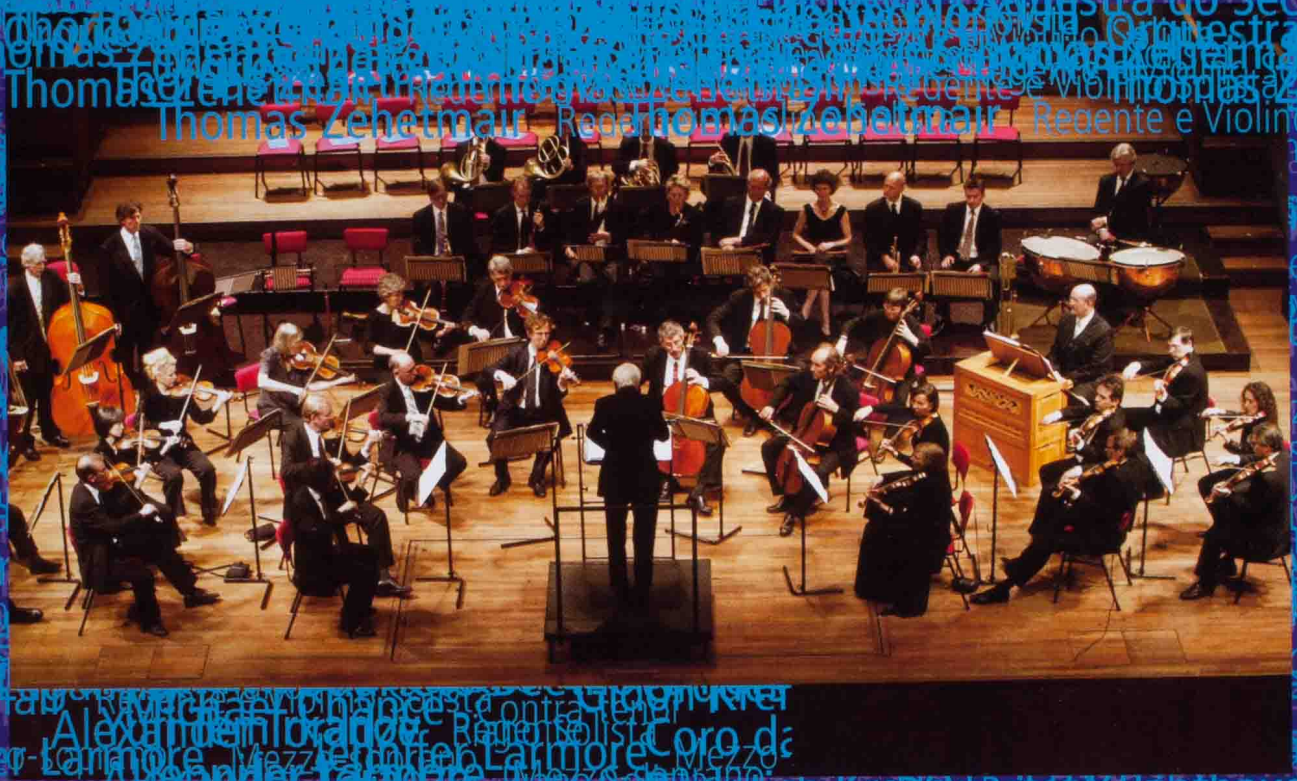
patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC
Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia

Telefônica

Votorantim



Orquestra do Século XVIII

XVIII
e Violino Solista
Regente e Violino Solista

Frans Brüggen fundou a Orquestra do Século XVIII em 1981, com cerca de 50 componentes, oriundos de 22 países. Três ou quatro vezes por ano a Orquestra se reúne para apresentar-se em turnês. Os integrantes do grupo, todos eles especialistas na música do século XVIII e do início do século XIX, tocam em instrumentos de época ou em cópias contemporâneas, a fim de estabelecer a interpretação mais autêntica possível das obras clássicas de Haydn, Mozart, Beethoven e de outros compositores setecentistas e oitocentistas. Em sua estrutura e sua dimensão, a Orquestra do Século XVIII reproduz as orquestras clássicas então em voga em centros como Londres, Paris e Viena.

Quando de sua fundação, a Orquestra do Século XVIII foi financiada por patronos do mundo inteiro, e a continuidade de seu trabalho foi assegurada graças ao patrocínio da Fundação Príncipe Bernhard e aos subsídios que lhe foram oferecidos pelo governo holandês. De 1983 a 1988, o grupo foi patrocinado pela *IBM Europa*; de 1989 a 1997, o *TRN Group Holland* assumiu o patrocínio, compartilhado, de 1992 a 1997, com o grupo *Deloitte & Touche*. Desde janeiro de 1998 a Orquestra do Século XVIII é patrocinada pela Fundação *VSB*.

A discografia do grupo, registrada sob a regência de Frans Brüggen, é composta de mais de 50 títulos, a maior parte deles gravados para o selo *Philips*, e abrange os clássicos dos séculos XVIII e XIX e também obras de Purcell, Bach e Rameau. Muitas dessas gravações foram agraciadas com importantes prêmios internacionais do mundo fonográfico.

Thomas Zehetmair

Regência e Violino Solista

e Violino Solista

Violinista de sólida reputação internacional, Thomas Zehetmair apresenta-se regularmente com as principais orquestras do mundo, como as Sinfônicas de Chicago e de Boston, as Orquestras da Filadélfia e de Cleveland, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, a Orquestra de Câmara da Europa, a *Orchestra of the Age of Enlightenment*, a *Sächsische Staatskapelle Dresden*, a *Gewandhaus Orchester Leipzig*, as Filarmônicas de Berlim, Munique e Viena, e as Orquestras das Rádios de Colônia, Hamburgo, Frankfurt e Berlim. Dentre os grandes maestros com os quais o violinista já colaborou destacam-se nomes como os de Daniel Barenboim, Herbert Blomstedt, Frans Brüggen, Christoph von Dohnányi, Christoph Eschenbach, John Elliot Gardiner, Nikolaus Harnoncourt, Heinz Holliger, Charles Mackerras, Roger Norrington, Simon Rattle, Esa-Pekka Salonen e Jokka-Pekka Saraste.

O interesse de Thomas Zehetmair pela música contemporânea ocupa uma parte importantíssima de suas atividades artísticas, e o violinista tem apresentado primeiras audições mundiais de diversas obras, como se deu, recentemente, com os Concertos para Violino escritos para ele por Heinz Holliger, James Dillon e Hans-Jürgen von Bose. Paralelamente à sua carreira de solista, Zehetmair também se dedica à música de câmara e foi o fundador, em 1997, do *Zehetmair Quartet*. O primeiro CD gravado pelo Quarteto, para o selo *ECM New Series*, traz o Quarteto nº 1 de Karl Amadeus Hartmann e o Quarteto nº 4 de Béla Bartók.

Thomas Zehetmair já gravou praticamente todas as principais obras do repertório violinístico. Sua versão, para a *EMI Classics*, dos Concertos para Violino de Szymanowski, com a *City of Birmingham Symphony Orchestra* sob a direção de *Sir* Simon Rattle, obteve o Prêmio *Gramophone* de 1997. Sua recente gravação ao vivo, para a *Philips*, do Concerto e das Romanças para Violino de Beethoven, com a Orquestra do Século XVIII regida por Frans Brüggen, foi recebida pela crítica como uma grande contribuição para a moderna discografia.

Ao longo dos últimos anos, Thomas Zehetmair tem-se dedicado também à carreira de regente, condição na qual esteve ao pódio de conjuntos como a *Scottish Chamber Orchestra*, a *Camerata Academica Salzburg*, a *Stavanger Symphony Orchestra*, a *Tapiola Sinfonietta*, a *Northern Sinfonia*, a *St. Paul Chamber Orchestra*, a *Beethoven Akademie*, a *Orchestra della Toscana* e o *Ensemble Orchestral de Paris*. Em maio de 1999, Zehetmair regeu a Orquestra do Século XVIII em sua turnê Latino-americana, e em setembro de 2000 liderou o conjunto em sua turnê européia.

Desde o início da presente temporada internacional de música Thomas Zehetmair ocupa a posição de Diretor Musical da *Northern Sinfonia*.

Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.

CBLC
Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

Orquestra do Século XVIII

Thomas Zehetmair
Regente e Violino Solista

Ruth Killius
Viola Solista

Primeiros Violinos
Rémy Baudet, *Spalla*
Marten Boeken
Lorna Glover
Kees Koelmans
Anthony Martin
Staas Swierstra
Sayuri Yamagata

Segundos Violinos
Hans Christian Euler
Ilsebil Hünteler
Guya Martinini
Marinette Troost
Richard Walz
Gustavo Zarba

Violas
Emilio Moreno
Ruth Hesseling
Oscar Hoogland
Ruth Killius
Else Krieg

Violoncelos
Richte van der Meer
Albert Brüggen
Lidewij Scheifes

Contrabaixos
Anthony Woodrow
Robert Franenberg

Flautas
Konrad Hünteler
Ricardo Kanji

Oboés
Ku Ebbinge
Alayne Leslie

Clarinetas
Eric Hoeprich
Toni Salar Verdù

Fagotes
Danny Bond
Donna Agrell

Trompas
Teunis van der Zwart
Erwin Wieringa

Trompetes
David Staff
David Hendry

Timpanos
Maarten van der Valk

Ruth Killius *Viola Solista*

Solista e camerista que transita com igual desenvoltura pelos repertórios tradicional e contemporâneo, Ruth Killius estudou com Urlich Koch e Kim Kashkashian. Como concertista, tocou a parte de Viola Solista da Sinfonia Concertante, de Mozart, com a *Residentie Orkest Den Haag*, a Camerata de Berna, a Orquestra Sinfônica de Tenerife e a Orquestra de Valência. Como camerista, já colaborou com o *Ensemble Contrechamps* – conjunto com o qual realizou a estréia mundial dos Trios para Cordas de Bryan Ferneyhough e gravou CDs com obras de Hindemith, Petrassi e Varese –, foi Viola Solista da Camerata de Berna, entre 1993 e 1996, e integrante do Quarteto Zehetmair.

Série Branca

25 de junho, terça-feira, 21h

Joseph Haydn (1732 – 1809)

Sinfonia nº 83, em Sol menor – La Poule (A Galinha)

Allegro spiritoso
Andante
Menuet – Allegretto
Finale – Vivace

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Sinfonia Concertante para Violino, Viola e Orquestra, em Mi bemol maior, K.364

Thomas Zehetmair *Violino Solista*
Ruth Killius *Viola Solista*

Allegro maestoso
Andantino
Presto

intervalo

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia nº 39, em Si bemol maior, K.543

Adagio – Allegro
Andante con moto
Menuetto – Allegretto
Finale: Allegro

Série Azul

26 de junho, quarta-feira, 21h

Joseph Haydn (1732 – 1809)

Sinfonia nº 83, em Sol menor – La Poule (A Galinha)

Allegro spiritoso
Andante
Menuet – Allegretto
Finale – Vivace

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Sinfonia Concertante para Violino, Viola e Orquestra, em Mi bemol maior, K.364

Thomas Zehetmair *Violino Solista*
Ruth Killius *Viola Solista*

Allegro maestoso
Andantino
Presto

intervalo

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809 – 1847)

Sinfonia nº 1, em Dó menor, opus 11

Allegro molto
Andante
Menuetto: Allegro molto
Allegro con fuoco

temporada 2002

Série Verde

27 de junho, quinta-feira, 21h

Joseph Haydn (1732 – 1809)

Sinfonia nº 83, em Sol menor – La Poule (A Galinha)

Allegro spiritoso
Andante
Menuet – Allegretto
Finale – Vivace

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Concerto nº 1 para Violino e Orquestra, em Si bemol maior, K.207

Thomas Zehetmair *Violino Solista*

Allegro moderato
Adagio
Presto

intervalo

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809 – 1847)

Sinfonia nº 1, em Dó menor, opus 11

Allegro molto
Andante
Menuetto: Allegro molto
Allegro con fuoco

Próximos Concertos

Teatro Cultura Artística

Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

1 de julho, segunda-feira
Beethoven Quarteto com Piano nº 4, opus 16 bis
Copland Quarteto para Piano e Cordas
Brahms Quarteto para Piano e Cordas nº 3, opus 60

2 de julho, terça-feira
Mozart Quarteto em Mi bemol (revisão do Quinteto K.452)
Dvorák Quarteto para Piano e Cordas, em Ré maior, opus 23
Schumann Quarteto para Piano e Cordas, em Mi bemol maior, opus 47

3 de julho, quarta-feira
Mozart Quarteto em Ré maior (revisão do Quinteto K.593)
Mahler Quartettsatz
Fauré Quarteto nº 2 para Piano e Cordas, em Sol menor, opus 45

temporada 2002

abril 22, 23 e 24 Teatro Cultura Artística
Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 Teatro Cultura Artística
Orchestre de Chambre de Lausanne
Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 Teatro Cultura Artística
Academy of St. Martin in the Fields Chamber Ensemble

junho 25, 26 e 27 Teatro Cultura Artística
Orquestra do Século XVIII
Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

julho 1, 2 e 3 Teatro Cultura Artística
Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

agosto 16 e 17 Sala São Paulo
Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov *Regência*
Alexander Toradze *Piano Solista*

agosto 22, 26 e 28 Teatro Cultura Artística
Jennifer Larmore *Mezzosoprano*
Antoine Palloc *Piano*

setembro 9, 10 e 11 Teatro Cultura Artística
Orchestra of the Age of Enlightenment
Emma Kirkby *Soprano*
Michael Chance *Contratenor*

outubro 22 e 23 Sala São Paulo
Orquestra Filarmônica de Dresden
Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden
Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 Teatro Cultura Artística
Kremerata Báltica
Gidon Kremer *Regência e Violino Solista*

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223
www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br

Agradecemos aos patrocinadores que
nos prestigiaram nos últimos anos.

AFAA – Association Française d'Action Artistique
American Express
BankBoston
Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo
CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia
Cigna
Citibank
Daimler Chrysler
Eldorado FM
Indústrias Votorantim
Jornal O Estado de S. Paulo
KPMG
Pechiney
Pinheiro Neto Advogados
Semp Toshiba
Telefonica
Unibanco – Prever
Volkswagen
WestLB Banco Europeu

As Sinfonias de Haydn

Se Joseph Haydn (1732 – 1809) não foi propriamente o inventor da sinfonia, ele tornou-se o primeiro artista a levá-la à sua mais completa maturidade. O gênero, nascido da confluência de várias formas – concerto grosso, abertura operística, sonata de igreja e divertimento, dentre outras –, já era praticado desde 1740, por Monn em Viena e Stamitz em Mannheim. Havia, também, outras áreas de produção sinfônica em Berlim, Paris e Nápoles. Foi partindo dessas várias fontes que Haydn, em 1757, compôs a sua primeira sinfonia (em Dó maior, que leva atualmente o nº 37).

Entre 1757 e 1795, Haydn escreveu nada mais nada menos que 107 sinfonias. Nas obras iniciais, ainda é possível notar as influências italiana, na vivacidade enfática das melodias repletas de grandes intervalos, e francesa, no emprego das notas repetidas e dos ritmos solenes. Da escola vienense liderada por Matthias Monn,

Haydn assimilara, além de várias fórmulas que ele incorporaria ao seu próprio estilo, o interesse pelos temas de proveniência folclórica. Da revolucionária escola de Mannheim, onde brilhava Johann Stamitz, Haydn absorveu sobretudo o gosto pela exploração do colorido orquestral, a relevância dada aos instrumentos de sopro e o uso teatral dos crescendos e decrescendos. Da escola berlinense, na qual a figura de Carl Philipp Emanuel Bach causava furor por suas audácias e seus arroubos, Haydn herdou o gosto pelo jogo polifônico e pela concepção de temas curtos e simétricos, e, acima de tudo, o empenho em fazer com que a sinfonia falasse a linguagem emotiva do coração.

Partindo dessas cinco fontes distintas, Haydn chegou a um estilo pessoal e maduro que seria tomado como modelar por várias gerações de compositores que viriam depois dele. A clareza da concepção formal, a imaginação dos desenvolvimentos temáticos, a concretização de um novo universo sonoro orquestral e a multiplicidade dos gestos expressivos estão na base do estilo maduro do compositor.

Durante os quase 40 anos nos quais cultivou o gênero sinfônico, Haydn passou por mudanças significativas, tanto técnicas quanto estéticas. O especialista Luigi Della Croce divide sua produção em "períodos" ou "fases": período italiano (1757 – 1760), quando 16 partituras foram criadas sob o signo da abertura italiana; período barroco (1761 – 1765), com 22 obras nas quais prevalece a tendência concertante; período romântico (1766 – 1772), em que 19 obras trazem as marcas de notável subjetividade; período clássico (1773 – 1784), com 26 sinfonias balizadas pelo desejo de equilíbrio formal e de contenção expressiva; período francês (1785 – 1789), no qual se encontram as 11 elegantes partituras concebidas especialmente para o refinado público de Paris; e período inglês (1791 – 1795), que contém a extraordinária floração de 11 sinfonias escritas para o público londrino e que representam o cume mais alto alcançado pelo gênero até então.

A Sinfonia nº 83, em Sol menor – *La Poule* (A Galinha), data de 1785, pertencendo assim ao período "francês" do compositor. Seu apelido, criado pelo editor parisiense, se relaciona ao segundo tema do movimento inicial, cujo acompanhamento saltitante de fato lembra uma galinha a ciscar. Nesse *Allegro* fundem-se humor e tragédia. No *Andante* que se segue a forma-sonata é empregada (exposição – desenvolvimento – recapitulação), e o autor consegue aí injetar uma emoção que não se curva às regras de "bom comportamento expressivo" da época. Depois de um *Menuet* curioso por seu gingado, tem-se o *Vivace* final, baseado em um único tema que, como raros outros, simboliza muito bem o caráter de simpatia que se desprende da obra do autor.

Mozart e a Sinfonia Concertante

A Sinfonia Concertante para Violino, Viola e Orquestra, em Mi bemol maior, K.364, parece ter sido composta entre agosto e setembro de 1779, quando Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791), aos 23 anos e amargurado, ainda se encontrava sob o jugo ditatorial do arcebispo Colloredo, em Salzburgo. Sua forma, muito popular àquela altura, sobretudo em Viena, Mannheim e Paris, era uma herança do velho concerto grosso barroco. Mozart já a havia abordado em sua última viagem à capital francesa, em 1778. Mas, desta feita, deu ao arqué-

tipo uma nova e impressionante dimensão, produzindo um autêntico concerto duplo e oferecendo de presente ao mundo uma de suas maiores obras-primas.

Abandonando o tom leve e superficial do estilo galante inerente ao gênero, o artista atribuiu à Sinfonia Concertante uma inédita atmosfera e uma espantosa variedade à cor instrumental. Majestosa, enormemente expressiva e de um virtuosismo incomparável, ela erige-se em linguagem "singular e genial", na expressão do musicólogo Alfred Einstein. Outro especialista, M. Cadieu, também notou o caráter de concerto duplo da partitura: "O diálogo multiplica as possibilidades dos dois instrumentos e, sem dúvida, o conjunto conserva uma profunda unidade [...] O silêncio deixa de ser aí uma pausa temporal; agora integra o próprio discurso musical. Como não ver nisso a modernidade de Mozart?".

O amplo *Allegro maestoso* inicial, onde se alternam atmosferas militares e líricas, o tocante *Andantino*, de palpitante sofrimento, e o extrovertido *Presto* final, com uma trama repleta de surpresas, apontam para a variedade expressiva da partitura e para a profundidade da sua mensagem.

Mozart e a Sinfonia nº 39

Escrevendo sua primeira sinfonia aos 8 anos de idade, Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) visitaria esse modelo por mais de cinqüenta vezes. De início, partindo de espécimens provenientes de várias fontes, compôs obras que, em geral, lembram o tom desanuviado das partituras que outros compositores então concebiam no domínio sinfônico, dentro da estética rococó e galante. Com a rápida chegada da maturidade – além do contato que teve com a produção do admirado amigo Haydn –, Mozart descobriu nesse território novos registros formais e expressivos. Isso o colocaria na vanguarda da invenção nesse gênero em sua época, tanto no que se refere à profundidade da expressão quanto à complexidade do agenciamento formal. E foi assim que suas derradeiras sinfonias acabaram por ombrear com as obras-primas do adorado colega mais velho.

No verão de 1788, desanimado pelo pouco sucesso vienense da ópera *Don Giovanni* e assaltado por problemas de ordem material, Mozart se refugiou em uma casinha situada na periferia da capital austríaca. Atormentado e triste, o compositor conseguiu colocar no papel, entre junho e agosto, suas três últimas sinfonias, poderosas afirmações de vida que nada têm de autobiográficas.

A Sinfonia nº 39, em Mi bemol maior, K.543, foi completada, em 26 de junho de 1788, "em um único e poderoso sopro", na expressão de Paumgartner. Tomando como modelo a Sinfonia nº 84 de Haydn, escrita dois anos antes, a nova obra é vista pela crítica como o emblema da divina fusão do estilo galante com o estilo sábio, da mágica união da efusão melódica com o rigor da construção musical. Como já notaram Poggi e Vallora, no plano da linguagem expressiva nela se encontra "a superação da duplicidade de luz e sombra, de serenidade e melancolia, através do fluido encontro de emoções opostas, encruzilhada ideal da inflamada embriaguez de *Don Giovanni* com o encanto sonhador de *As Bodas de Fígaro*". A riqueza polissêmica dessa Sinfonia é tal que levaria Berlioz a chamá-la de "apolínea", Paumgartner de "vienense", Albert de "romântica" e Kretzschmar de "heróica".

Mozart e o Violino

Conhecido como grande virtuose de piano, Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) foi também um violinista extraordinário. Aprendendo a dominá-lo ainda menino, com o pai, autor de importante tratado sobre o instrumento, o compositor costumava arrebatar as platéias com o seu virtuosismo e, acima de tudo, devido à "doçura amanteigada do toque", na expressão de um contemporâneo seu. Certa vez, ao escrever ao pai, de Munique, ele confessou, entre orgulhoso e franco: "Executei a minha última Cassação em Si maior (K.287). Eles todos ficaram de olhos bem abertos. E eu toquei como se fosse o maior violinista da Europa".

Entre abril e dezembro de 1775, aos 19 anos, Mozart escreveu nada mais nada menos que cinco concertos para violino e orquestra. Era a primeira vez que ele dava tanta atenção ao instrumento. Na sua redação, empregou o que assimilara das práticas correntes nas escolas violinísticas austríaca, italiana e francesa da época, criando obras extremamente generosas no que tange a memoráveis melodias. Seguindo os ditames do momento, Mozart escreveu esses concertos dentro do espírito leve do divertimento, dominante no estilo "galante" então em voga.

O autógrafo do Concerto nº 1, em Si bemol maior, K.207, é tradicionalmente datado de 14 de abril de 1775. Pesquisas recentes, entretanto, apontam para uma data anterior em dois anos. Se isso for verdade, trata-se então do primeiro concerto para solista efetivamente original de Mozart. No *Allegro* inicial, o encanto e a fartura dos múltiplos temas postos em jogo compensam a falta de uma elaboração temática mais profunda. O *Adagio* que vem em seguida explora os potenciais poéticos da melodia, ainda que soe um tanto impessoal. O *Finale* previsto de início, atualmente conhecido como Rondó Concertante, K.269, foi substituído por um *Presto* em forma de livre rondó, movimento repleto de ímpeto e vigor.

A Primeira Sinfonia de Mendelssohn

Filho de um abastado banqueiro berlinense e neto de um filósofo do Iluminismo, Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809 – 1847) foi um dos músicos mais naturalmente dotados do século XIX. Menino-prodígio de precocidade ainda maior que a de Mozart, como atesta a alta qualidade das obras que escreveu antes da adolescência, teve uma infância de sonho. Cercado pelo carinho familiar, recebeu esmerada formação em várias áreas do conhecimento. Seu gênio o fez conhecido de grandes artistas da época – poetas, pintores e músicos –, que se encantavam com seus dons. Pôde, graças à fortuna familiar e à curiosidade de seus familiares, viajar por boa parte da Europa. Dispunha de liberdade para entregar-se a seus vários outros talentos, como o desenho e os textos literários, tendo sempre a seu lado a adorada irmã Fanny, de natureza também muito artística. E, semanalmente, o pai colocava à sua disposição, em casa, uma pequena orquestra, a fim de que o menino pudesse ensaiar suas novas composições.

Mendelssohn escreveu a sua Sinfonia nº 1, em Dó menor, *opus* 11, aos 15 anos de idade, entre 3 e 31 de março de 1824. Anteriormente, ele já compusera outras 13 sinfonias para orquestra de cordas, além de cinco partituras para a cena, uma dúzia de produções camerísticas, quase 30 peças para piano, mais canções, obras para órgão e cantatas. Entretanto, a Sinfonia em

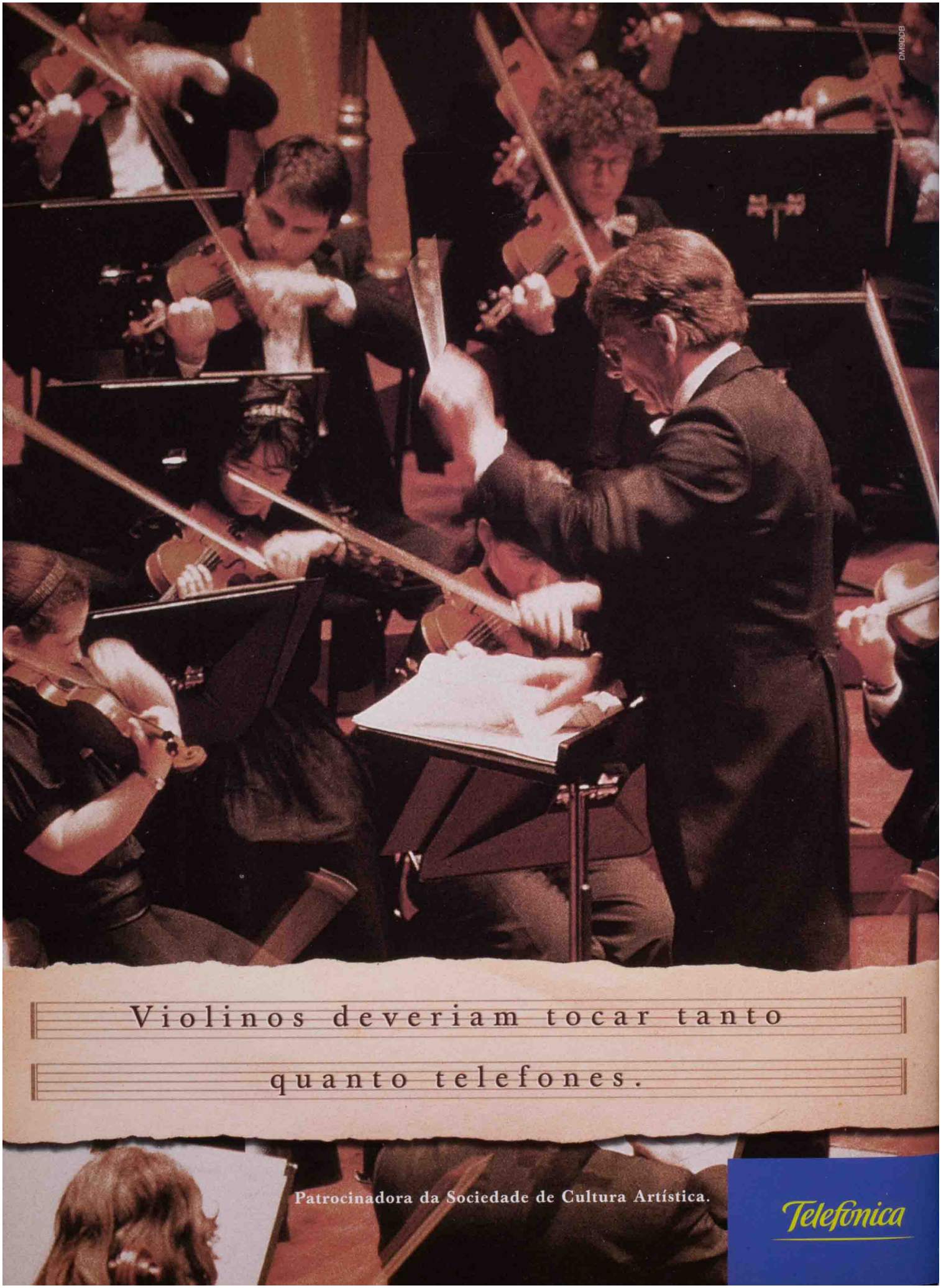
Dó menor era a sua primeira experiência no gênero destinada a uma orquestra completa. Seus modelos para a arquitetura e até mesmo o clima expressivo da obra foram os fornecidos pelos dois maiores gênios do Classicismo, Haydn e Mozart, aos quais permaneceria fiel por toda a vida. Além deles, sente-se nessas páginas de adolescência a influência germânica de Weber, no tocante à criação de certas atmosferas, de Bach, no desenvolto manejo da polifonia, ao lado da marca italiana de Rossini, no que diz respeito à animação coreográfica dos "*Allegros*".

Fluência e vivacidade marcam o vibrante *Allegro molto* inicial. Ele é seguido de um lindo *Andante*, onde se encontram ternos diálogos estabelecidos entre cordas e sopros, em uma delicada visão de paisagens do coração. O *Menuetto* que vem então é o movimento mais clássico dessa obra essencialmente clássica, com a alternância de uma rítmica marcada na parte principal e um trio bastante sonhador. (Quando apresentou a partitura em Londres, na temporada de 1829, Mendelssohn substituiu esse movimento pela orquestração do *Scherzo* do brilhante Octeto em Mi bemol maior, *opus* 20). O andamento final é um irresistível turbilhão de energia, onde o compositor parece ter-se divertido em colocar alguns contrastes inesperados.

Edição Rui Fontana Lopez
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto de Almeida
Fotos Vincent Boon (Orquestra) e Klaus Rudolph (T. Zehetmair)
Textos sobre compositores Sociedade de Cultura Artística
Tradução Eduardo Brandão
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão OESP Gráfica

Votorantim

www.votorantim.com.br


Violinos deveriam tocar tanto
quanto telefones.
Patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.
Telefonica